

# NARRATIVAS DE FORMAÇÃO DOCENTE NA LICENCIATURA EM COMPUTAÇÃO E INFORMÁTICA DO IFPB – EAD

---

## **JOSIAS SILVANO DE BARROS**

Doutorando em Geografia pela UFPB; Professor do IFPB, [josias.barros@ifpb.edu.br](mailto:josias.barros@ifpb.edu.br)

## **GUSTAVO FIDELIS DA SILVA**

Licenciando em Computação em Informática – IFPB, [gugafidelispb@gmail.com](mailto:gugafidelispb@gmail.com)

## **JOÃO PAULO BATISTA DANTAS FERNANDES**

Licenciando em Computação em Informática – IFPB, [joaopaulofernandesads@gmail.com](mailto:joaopaulofernandesads@gmail.com)

## **EMERSON RICHARDSON DA SILVA MEDEIROS**

Licenciando em Computação em Informática – IFPB, [emersonrichardson@hotmail.com](mailto:emersonrichardson@hotmail.com)

## RESUMO

Este texto emerge dos resultados do projeto de pesquisa intitulado “Narrativas de formação docente no (per)curso de formação de professores de Computação e Informática do IFPB – EaD”, desenvolvido no âmbito do Instituto Federal da Paraíba, a partir do programa PIBIC EaD, edital nº 02/2020, entre os anos 2020 e 2021. Objetivamos, portanto, apresentar a compreensão-interpretação das narrativas de formação docente dos primeiros licenciados em Computação e Informática do IFPB – EaD, enquanto resultado do projeto de pesquisa. Trata-se de uma pesquisa narrativa, aportada na ideia de que o ato de narrar se torna uma possibilidade de contar e registrar o que vemos, ouvimos, sentimos, interpretamos e vivenciamos num dado contexto, como o digital, e em diferentes situações, como na formação de professores. As narrativas revelam que a licenciatura a distância ainda tem lacunas na consolidação do repertório cultural formativo, mas, mesmo assim, representa um significativo caminho de profissionalização para aqueles que almejam se qualificar e ingressar no ramo do magistério.

**Palavras-chave:** Narrativas de formação, Formação de professores, Educação a distância.

## INTRODUÇÃO

Este texto emerge dos resultados do projeto de pesquisa intitulado “Narrativas de formação docente no (per)curso de formação de professores de Computação e Informática do IFPB – EaD”, desenvolvido no âmbito do Instituto Federal da Paraíba, a partir do programa PIBIC EaD, edital nº 02/2020, entre os anos 2020 e 2021. O projeto teve como foco central as narrativas de formação dos primeiros estudantes que concluíram o curso de licenciatura em Computação e Informática, na modalidade educação a distância (EaD), entre os anos de 2019 e 2020. A escolha da temática fundamentou-se na perspectiva de que a formação docente em EaD é uma realidade cada vez mais potente perante os avanços da comunicação digital.

A formação de professores na modalidade a distância potencializou-se com o avanço das tecnologias na área da educação, diante de uma sociedade concebida pela cultura digital. Tal propositura nos faz refletir, de acordo com Ferreira (2019, p. 5), que “o paradigma emergente da cultura digital tende por modificar também as experiências e vivências sociais e culturais do professor, a dinâmica de sala de aula, os modelos de escola e de aluno.” As proposituras formativas em EaD desencadeiam outros modos possíveis de ensinar e aprender por, entre e através das tecnologias, o que requer mais autoria por parte dos formandos.

Essas concepções sinalizam para direcionamentos de análise e reflexão de uma sociedade dominada pela cultura digital que acaba por redimensionar os processos de ensino e aprendizagem, além de fazer surgir novos modos de formar professores em cursos superiores a distância. É neste cenário que aportamos a nossa pesquisa nas narrativas dos primeiros graduados do curso de licenciatura em Computação e Informática, a distância, no IFPB, campus Cajazeiras, ofertada no âmbito do Sistema Universidade Aberta do Brasil, cuja autorização está sob a resolução nº 170, de 03 de outubro de 2013. É uma forma de ouvir o que os sujeitos que experienciaram uma formação a partir dessa envergadura têm a nos dizer sobre o próprio processo formativo, por isso os denominados de protagonistas.

Vale ressaltar que os próprios docentes formadores também se sentem desafiados a trazer a tecnologia para o campo formativo, direcionando jogos, links dentre outras situações que requerem do estudante a busca pelo conhecimento a partir dos próprios meios digitais. Isso nos faz refletir como tais cursos estão ancorados em tecnologias que buscam possibilitar

um ensino aportado em práticas pedagógicas mais atrativas, dinâmicas e interativas.

No contexto da cultura digital, as relações formativas e comunicativas estão cada vez mais remodeladas. Dentre as ações e situações educativas está a formação do professor que se vale cada vez mais de recursos digitais para potencializar o campo formativo da docência, afinal, “o viver, conviver, interagir, resolver problemas, dentre outros aspectos, têm sido ações constantemente modificadas e colocadas em uma possível situação de crise, em que se incluem também, e de maneira potencial, as mais diversas ações educativas [...]” (FERREIRA (2019, p. 1). Esta realidade formativa e tecnológica implica cada vez mais no cotidiano do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), principalmente quando se trata de áreas como a da formação de professores de Computação e Informática EaD do IFPB.

No cenário mediado pelas tecnologias digitais, entendemos que a narrativa de formação docente constitui-se como espaço fecundo de compreensão da formação acadêmica. Por isso, para direcionar a nossa investigação, partimos das seguintes questões norteadoras: Como os professores recém-formados do curso de licenciatura em Computação e Informática do IFPB –EaD, campus Cajazeiras, concebem as suas trajetórias de formação acadêmica no âmbito da educação a distância? Complementarmente, quais dizeres/olhares eles têm frente à formação profissional em Computação e Informática no campo da docência?

Partimos do pressuposto que as narrativas apresentam-se como um potencial instrumento para a compreensão do contexto formativo-acadêmico. Isso porque ouvir o que o sujeito tem a dizer sobre a sua formação acadêmica é um modo de contribuição para o fortalecimento do curso de licenciatura que se é originário, assim como uma oportunidade de reflexão sobre o ensino a distância, sobre a escolha do curso nesta modalidade e sobre o saber na área da informática e da docência. O objetivo deste texto é, portanto, apresentar a compreensão-interpretação das narrativas de formação dos primeiros licenciados em Computação e Informática do IFPB – EaD, enquanto resultado do projeto de pesquisa.

## METODOLOGIA

A investigação científica concebeu-se como uma narrativa de formação. Optamos por este tipo de pesquisa por entendê-lo como constituinte de espaços de expressão, impressão e compreensão de trajetórias de vida

e de itinerâncias formativas. Isso porque o ato de narrar se torna uma possibilidade de contar e registrar o que vemos, ouvimos, sentimos, pensamos, entendemos, interpretamos e vivenciamos num dado contexto, como o digital, e em diferentes situações, como na formação de professores. Desde já, ressaltamos que “a palavra ‘formação’ apresenta uma dificuldade semântica, pois designa tanto a atividade no seu desenvolvimento temporal, como o respectivo resultado.” (JOSSO, 2014, p. 58). No presente artigo, o sentido de formação está situado na perspectiva de processo, por referenciar à formação disciplinar e pedagógica daquele que aprende a partir de uma determinada situação escolarizada.

O percurso que desencadeamos ao longo do projeto seguiu alguns caminhos até chegarmos aos sujeitos concluintes do curso de licenciatura em Computação e Informática, do IFPB, campus Cajazeiras. Inicialmente, buscamos verificar a organização estrutural do curso – são 150 (cento e cinquenta) vagas anuais, distribuídas igualmente entre os três polos: Araruna, Duas Estradas e Pombal. Desde o momento da sua autorização legal, só foram feitas duas chamadas, ou seja, um total de 300 alunos ingressos na licenciatura.

Em seguida, no dia 20 de julho de 2020, enviamos um e-mail para a coordenação do curso com o propósito de obter algumas informações no que diz respeito ao curso: Quantos alunos já se formaram? Em que ano ingressaram e concluíram? Quantos alunos estão em fase final de formação? Em que ano ingressaram? Em resposta, no dia 21/07/2020, o então coordenador André Lira Rolim informou o seguinte: até o momento, quatro (04) alunos se formaram – eles entraram no ano de 2014 e concluíram em 2019. Sobre quantos alunos estão em fase final de curso, e em que foi o ingresso, o coordenador respondeu que nenhum estudante se encontra em fase final, e que ingressaram em 2017, mas que ainda há cinco (05) alunos que entraram em 2014, mas não estão em fase final devido reprovações.

Para conhecer os protagonistas do estudo investigativo, recorremos, inicialmente, ao questionário biográfico para traçar um perfil dos licenciados, enviado via e-mail, contemplando elementos como composição da família, dados da formação e profissão. Com os questionários preenchidos pelos colaboradores, traçamos o perfil biográfico de cada um. Neste texto, não revelamos os nomes verdadeiros dos protagonistas como forma preservação das identidades. Recorremos a nomes fictícios: André, Gilberto, Rafael e Roberto.

Em seguida, elegemos a técnica da entrevista narrativa individual, via plataforma digital *WhatsApp*, como instrumento de recolha de dados, para oportunizar a escuta, ouvir os licenciados ecoar os seus dizeres frente à experiência de formação acadêmica. De acordo com Jovchelovitch e Bauer (2017), a narrativa vem se tornando um método de investigação bastante difundido nas ciências sociais e na educação. Esses autores dispõem de uma estrutura para a obtenção do desenvolvimento de uma entrevista narrativa: “começa com a iniciação, move-se através da narração e da fase de questionamento e termina com a fase conclusiva. Para cada uma dessas fases, é sugerido determinado número de regras” (Ibid., p. 96).

A partir das narrativas individuais é possível interpretar e compreender as experiências vividas pelos humanos, por isso, a opção metodológica nos conduziu a uma pesquisa com narrativas de formação, posto que as experiências formativo-acadêmicas dos nossos colaboradores foram percorridas por meio de espaços digitais, no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), plataforma Moodle. Arelada a isso, também recorreremos às tecnologias digitais, como *smartphone*, *Google drive*, dentre outras mídias digitais, para a coleta das narrativas individuais e o processo de análise-compreensão.

### Conhecendo o perfil dos sujeitos da pesquisa

Os quatro primeiros licenciados do curso de licenciatura em Computação e Informática pelo IFPB/EaD, que concluíram o curso entre os anos de 2019 e 2020 são: **André** – comerciante, 34 anos de idade, residente em Picuí-PB, formado em gestão da tecnologia da informação. Possui experiências de trabalho nas áreas de técnico de informática e sistemas de automação. Durante sua trajetória estudantil, foi estudante de escola pública e está na área de informática há 14 anos, tendo 01 (um) ano e 06 (seis) meses lecionado no Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), do Governo Federal; **Gilberto** – funcionário público, 37 anos, residente em Bananeiras-PB, formado em técnico em Agropecuária, oriundo de escola pública. Ele não tem experiência de trabalho na área de informática, mas possui cursos na área de Tecnologia da Informação; **Rafael** – desempregado, 37 anos, nascido em Solânea-PB, estudante de escola pública. Possui experiências de trabalho dentro da área de informática em instituições superiores de ensino; e **Roberto** – comerciante, natural de Campina Grande-PB, 41 anos, proveniente de escola pública. Trabalhou por cerca de 8 (oito) anos como instrutor de cursos, mesmo sem certificação, numa empresa de Campina

Grande-PB. O quadro a seguir sintetiza as informações do questionário biográfico:

**Quadro: perfil biográfico dos colaboradores**

Licenciado (LCI) <sup>1</sup>	André	Rafael	Gilberto	Roberto
Idade	34	37	28	41
Naturalidade (paraibanos)	Picuí	Solânea	Bananeiras	Campina Grande
Local de residência na Paraíba	Picuí	Solânea	Bananeiras	Alagoa Nova
Ano de conclusão do curso	2019	2020	2019	2020
Profissão atual	Comerciante	Desempregado	Servidor Público	Comerciante
Polo de apoio na PB	Araruna	Araruna	Duas Estradas	Duas Estradas
Experiências em informática	Técnico de Informática e Sistemas de automação	Desenvolvedor FullStack <sup>2</sup>	Montagem e Manutenção	Conferência de dados, elaboração de banner e recursos audiovisuais.

**Fonte:** elaborado pelos autores

Os quatro licenciados ingressaram em 2014. Eles são oriundos de escolas públicas. Conforme as informações do quadro, podemos perceber que eles estão na faixa etária de 28 a 41 anos de idade. Dentre as profissões, nenhum está atuando como docente. Em relação à conclusão do curso, dois foram em 2019 e dois em 2020. Todos já tiveram experiências na área de informática, mas apenas o André possui experiência de ensino, no Pronatec.

Em posse das informações biográficas, iniciamos o processo de preparação da entrevista narrativa individual, por meio da plataforma digital *WhatsApp*. Para tal, enviamos, por escrito e em forma de áudio, um breve texto direcionando o foco da abordagem, a saber: trajetórias de formação acadêmica. O texto-questão para instigar as narrativas foi:

Caro licenciado em Computação e Informática, como já informamos quando entramos em contato com você para aplicar o questionário biográfico, nós que fazemos parte do projeto de pesquisa intitulado 'Narrativas de formação docente no

1 LCI – Licenciado em Computação e Informática

2 Um profissional que trabalha com todas as partes no desenvolvimento do *Software*

(per)curso de formação de professores de Computação e Informática do IFPB-EaD’, estamos agora no momento que diz respeito a entrevista narrativa. Anteriormente, aplicamos o questionário biográfico que serviu para conhecermos um pouco mais sobre você. Agora, é hora de reunirmos mais algumas informações sobre a sua trajetória de formação docente no âmbito da EaD do IFPB. Queríamos que você narresse sobre os fatores que fizeram com que você escolhesse o curso de licenciatura em Computação e Informática na modalidade a distância do IFPB, campus Cajazeiras. Comece nos contando sobre a sua trajetória de vida pessoal e diga como você chegou ao curso do IFPB. Fale um pouco sobre o curso, destacando quais foram as maiores dificuldades e facilidades encontradas do início ao fim do processo, falando sobre as aulas, a relação com os professores e os tutores, com a coordenação, e como você fazia para estudar. Conte-nos tudo sobre a sua maneira. Levando em consideração o fato de que você já concluiu o curso, o que poderia narrar em relação ao que o curso mudou na sua vida pessoal e profissional e como você percebe o mercado do licenciado. Enfim, conte-nos um pouco sobre a sua trajetória de vida-formação e sinalize as maiores dificuldades encontradas durante o percurso da licenciatura, assim como as facilidades. (**Diário do projeto**, 2020).

É válido ressaltar que deixamos os licenciados à vontade para narrarem sobre outras experiências, sobre o que tomassem como relevantes em suas histórias. Todos conceberam as entrevistas individuais em forma de áudios fragmentados, via *WhatsApp*, até o mês de novembro de 2020. Quando somamos o tempo dos áudios, obtivemos um total de 24 minutos e 26 segundos de gravação de narrativas. Depois transcritas, começamos o processo de análise e compreensão das narrativas, dimensionando-as em três eixos temáticos: vida-formação, trajetória acadêmica e formação-profissão.

## REFERENCIAL TEÓRICO

As tecnologias digitais exercem presença incisiva no processo de configuração espaço-temporal da sociedade contemporânea, entendida como da informação. Segundo Castells (2006, p. 403), “tanto o espaço quanto o tempo estão sendo transformados sob o efeito combinado do paradigma da tecnologia da informação e das formas e processos sociais induzidos pelo processo atual de transformação histórica”. Assim, é preciso destacar que as novas funções massivas decorrentes das mídias digitais constituem uma

cultura da instantaneidade que está em evidência na vida das pessoas que usam tecnologias digitais, gerando implicações sociais, culturais e formativas que se reverberam no cotidiano.

Essas novas formas de comunicação abarcam diferentes narrativas individuais e coletivas. Os atuais modos de falar de si e sobre si, no contexto das mídias digitais, são exemplos disso. As pessoas estão cotidianamente compartilhando experiências de vida, de trabalho e de formação. Segundo Castells (2006, p. 461) “é precisamente devido a sua diversificação, multimodalidade e versatilidade que o novo sistema de comunicação é capaz de abarcar e integrar todas as formas de expressão [...]”. Portanto, recorrendo às tecnologias digitais, é possível compartilhar relatos pessoais e profissionais, inclusive de trajetórias de formação, além de narrar sobre experiências diversas que acontecem no dia a dia, como uma experiência de formação superior a distância concebida a partir de um AVA.

Para Penteado (2001), as tecnologias e mídias digitais contemporâneas viabilizam os processos formativo-escolares, nos quais o sujeito em formação se converte de agente passivo em sujeito ativo, livre e responsável por meio de diferentes formas de expressão criativa – por imagens, códigos, símbolos, relações, intuições e emoções. A formação do professor na modalidade de ensino a distância é um dos vários exemplos da atuação da tecnologia digital em entrelace com o campo da educação. Neste tipo de formação, há mais fluidez quanto à ordenação dos tempos e espaços no processo de ensino-aprendizagem, como por exemplo: os professores podem flexibilizar e otimizar os horários e os alunos podem procurar suas próprias fontes de estudos e ter uma segunda ocupação além de estudar.

Ao está imbricada neste modelo de sociedade informacional, a formação inicial do professor, no ensino a distância, acaba por desencadear novos modos de conceber a formação acadêmica: os professores e alunos – enquanto sujeitos comunicantes – podem interagir mediante estratégias didáticas, pedagógicas e metodológicas recorrendo a instrumentos tecnológicos que viabilizam o processo educativo com atividades individuais e colaborativas.

Esse processo educacional emerge de ambientes virtuais colaborativos que Lévy (1998) interpreta como modelo de sociedade de cultura digital, a cultura do ciberespaço, cujas funções se multiplicam em redes de conexões e comportam o que ele denomina de inteligência coletiva. Em tal cenário, pensar os contextos formativos de educação requer o uso planejado e adequado das tecnologias digitais para um processo de formação e

autoformação, pois, há quem diga que as mídias digitais constroem novas realidades, criam valores e são responsáveis por viabilizar mudanças no comportamento dos sujeitos nas relações humanas.

A noção de autoformação que assumimos tem respaldo em Pineau (2014), no que se refere a uma luta cotidiana perpassada por lugares e contextos distintos, em todos os tempos, espaços e instantes, incluindo o contexto da cultura digital, que não são necessariamente tempos e espaços educativos. Trata-se, pois, da construção de uma relação concebida de forma autônoma, por meio da linguagem midiaticizada, cujos efeitos se propagam em narrativas de formação que se reverberam em novos modos de ler e escrever o presente.

Compreendemos que a proposta de formação docente na modalidade EaD, da licenciatura em Computação e Informática do IFPB, colabora com toda essa realidade tecnológica, o que nos faz vislumbrar um futuro ainda mais digital entrelaçado com a formação humana, até porque uma das proposituras de tal curso é a formação de profissionais humanistas aptos a lidar com as transformações de uma sociedade cada vez mais digital, e, portanto, ensinar aos futuros docentes a desenvolver softwares que ajudem a solucionar problemas cotidianos, disseminar mais tecnologias para acompanhar o desenvolvimento do país. Tudo isso centralizado numa perspectiva básica das relações sociais: a educação

Com base em tais afirmações, tomamos as narrativas de formação enquanto produção individual que se mobiliza através de espaços digitais, como experiência de autoformação, à medida que é “[...] passando pela narrativa, que a pessoa em formação pode reapropriar-se da sua experiência de formação.” (CHENÉ, 2014, p. 123). Em todo caso, vale lembrar que “o sentido da narrativa de formação tem os eu próprio destino.” (Ibid., p. 124). Ainda de acordo com a autora, a narrativa de formação se concebe através da experiência da vida, portanto, um segmento apreendido pelo sujeito durante a sua implicação num projeto de formação.

Nesta construção de sentido, os modelos formativo-educacionais que lidam diretamente com as tecnologias digitais precisam assumir o compromisso de se aprimorarem para atender as expectativas da sociedade, consciente de que a inserção educacional no âmbito das mídias e tecnologias digitais é fundamental para o desenvolvimento de sujeitos mais preparados para lidar com as habilidades interpretativas que o universo tecnológico requer. Como afirma Belloni (2001, p. 45):

Seria ingênuo pensar que a mídia se adaptaria aos objetivos da escola, porém ilusório pensar que as famílias teriam condições de conscientizar para leitura crítica sobre os conteúdos oferecidos pela mídia, portanto cabe à escola difundir constantes discussões sobre tal realidade, transformando o espectador passivo ao espectador ativo, levando o aluno a compreender o sentido explícito e implícito das informações onde efetuará uma reflexão crítica sobre os conteúdos midiáticos.

É válido destacar que o acesso aos recursos tecnológicos não significa um modelo de formação adequado ou significativo para o aluno. O que estamos acenando é para o fato de que as proposituras atuais da cultura digital não devem ser dissociadas da formação escolar. Pischetola (2016, p. 36) já nos alerta para o fato de que é preciso pensar não só em termos de distribuição de recursos, “mas de maior participação dos indivíduos na revolução digital.”

A formação docente nesta conjuntura tecnológica se torna um desafio cada vez mais emergente, pois, as exigências sociais em torno da formação do professor empreendem uma educação política e participativa de engendramento emancipatório que marcam novas formas de pensar a profissionalização e a profissionalidade dos professores e seu principal corolário, os saberes docentes. Esses saberes são elaborados de variadas matizes sobre a educação e são tecidos nas experiências pessoais, estendendo-se ao longo da trajetória escolar (formação profissional, e, também, anterior a ela) até o exercício da profissão docente.

De acordo com Charlot (2005), a formação docente deve possibilitar aos sujeitos em processo de formação uma multiplicidade de competências que lhe permitirão gerir tensões, apaziguar conflitos em sala de aula e construir mediações entre práticas e saberes, tanto através da prática dos saberes quanto dos saberes das práticas. Esse tipo de afirmação acena para o fato de que o que está em cena na formação do professor não é somente uma relação de eficácia de compreensão de conteúdos específicos, disciplinares, mas a construção de uma identidade profissional que pode tornar-se a cerne profissional de uma pessoa.

Para Nóvoa (2009, p. 06), “a profissionalização dos professores está dependente da possibilidade de construir um saber pedagógico que não seja puramente instrumental.” Por isso, é natural que os momentos-fortes de produção de um discurso científico em educação sejam, também, momentos-fortes de afirmação profissional dos professores. Para este autor, embora

haja uma retórica de formação docente voltada à “inovação”, “mudança”, “professor reflexivo” e “investigação-ação”, a universidade ainda é uma instituição conservadora.

Diante de tal assertiva, é válido salientar que “a formação para o ensino ainda é enormemente organizada em torno das lógicas disciplinares. Ela funciona por especialização e fragmentação, oferecendo aos alunos disciplinas de 40 e 50 horas.” (TARDIF, 2013, p. 241). O autor destaca que essa formação também é concebida segundo um modelo “aplicacionista do conhecimento: os alunos passam um certo número de anos ‘assistindo aulas’ baseadas em disciplinas e constituídas” (Ibid, p. 242), e depois vão estagiar em algum estabelecimento escolar para “aplicar” o conhecimento disciplinar adquirido ao longo do curso.

Sobre as experiências de formação docente no âmbito da EaD, Medeiros (2010) destaca que é necessário reconstruir e ressignificar a docência. A autora sinaliza o fato de que quando tomamos como referência a experiência na Universidade de Brasília (UAB/UnB), é possível constatar que, na maior parte dos casos, a docência é compreendida a partir de diferentes funções:

- a) professores-autores, que são responsáveis pelo planejamento e desenvolvimento das disciplinas de cada módulo do curso;
- b) supervisores de curso, que trabalham diretamente na oferta do Curso e na formação e preparação dos professores-tutores a distância, auxiliando e acompanhando os professores-tutores nas atividades de rotina, e são responsáveis em atestar as bolsas dos tutores de sua equipe;
- c) os tutores a distância, que são responsáveis pela mediação direta com os estudantes da UAB/UnB, fazendo o acompanhamento do desempenho, avaliação, orientações, discussões e interações no Ambiente Virtual de Aprendizagem;
- e d) a tutoria presencial, que desempenha papel fundamental como elo entre os estudantes e a instituição, cumprindo a tarefa de facilitar o processo de ensino e aprendizagem e coletar informações sobre os estudantes. (MEDEIROS, 2010, p. 343).

Destacamos que as mais atualizadas formas de docência em nível de EaD, desencadeadas “a partir do período de redemocratização e fortemente marcadas pelas diretrizes políticas da LDB (Lei nº 9394/1996), têm, predominantemente, suas bases na ‘pedagogia das competências’, logo na lógica do ‘aprender a aprender’” (MEDEIROS, 2010, p. 337). Ou seja, os postulados deste modo de formação docente no Brasil ainda é um desafio, tendo em

vista que “a docência na EaD, no contexto brasileiro, nasce no interior de programas, projetos e ações de forma fragmentada e fundada na racionalização e divisão do trabalho (fordismo/tecnicismo) e na tradicional concepção de ‘tutoria’ [...]”. (Ibid., p. 337).

De um modo geral, é profícuo destacar, mais uma vez, que o acesso aos recursos tecnológicos não significa um modelo de formação adequado ou significativo para o aluno. O que estamos acenando é para o fato de que as proposituras atuais da cultura digital não devem ser dissociadas da formação escolar, muito menos da formação do professor.

### O que narram os licenciados em computação e informática

Como o processo interpretação das narrativas foi dimensionado em três eixos temáticos – **vida-formação, trajetória acadêmica e formação-profissão** –, as narrativas dos licenciados estão conjugadas em cada um dos eixos para facilitar o processo de compreensão.

Em relação à **vida-formação**, o licenciado André contou que o curso serviu como forma de aprimorar os seus conhecimentos, bem como tratar das atualizações do mercado de trabalho, além da possibilidade da autonomia durante o processo de estudos:

O que me fez escolher o curso de licenciatura em computação e informática, a distância, foi pelo fato de poder agregar mais conhecimento na área, pois já sou formado em Gestão da Tecnologia da Informação, e também da comodidade de poder estudar em casa a qualquer horário e ainda ter tempo para o meu trabalho. (André, **Entrevista narrativa** - *WhatsApp*, 2020).

O graduado Gilberto revelou que nunca tinha trabalhado na área de informática, mas que possuía alguns cursos na área de tecnologia e informática, por isso fez a escolha pelo curso, para conseguir aprofundar os conhecimentos. Para ele, a escolha do curso foi decorrente da vontade de ingressar no ensino superior, bem como o desejo de compartilhar os conhecimentos adquiridos com as demais pessoas, através da docência:

O que me levou a escolher o curso de licenciatura em Computação e Informática foi a questão de que eu já tinha alguns cursos na área de TI – Tecnologia da Informação –, e, também, por querer adquirir conhecimentos mais aprofundados na área, ao mesmo tempo em que tenho interesse em

lecionar e passar todos os conhecimentos adquiridos para pessoas. Quando surgiu a oportunidade de obter o curso superior, em 2014, eu não esperei nada, fui logo fazendo a inscrição e, em seguida, sendo aprovado, com as graças de Deus. (Gilberto, **Entrevista narrativa - WhatsApp**, 2020).

O licenciado Rafael contou que a escolha do curso está direcionada às indicações realizadas pelos seus amigos, assim como pela oportunidade de adquirir mais conhecimento para sua vida pessoal e profissional, tendo em vista que já era estudante do curso técnico em informática pelo IFPB, no campus Guarabira. Em suas palavras:

Eu consegui chegar neste curso, na verdade, através das notícias que obtive de amigos. Quando apareceu esta oportunidade, fiquei imaginando acrescentar mais conhecimentos. Como eu já fazia o curso técnico em informática e não tinha como fazer outro curso presencial, então escolhi fazer a licenciatura em Computação e Informática a distância, para que eu pudesse dar conta e, também, poder expandir meus conhecimentos, agregando mais valor. (Rafael, **Entrevista narrativa - WhatsApp**, 2020).

O graduado Roberto escolheu o curso por já trabalhar como instrutor na área de informática, mesmo sem ter formação para lecionar. Assim, ao enxergar a oportunidade de formação docente, fez a inscrição e foi aprovado, conforme a narrativa descrita a seguir:

Eu trabalhei como instrutor de informática desde os quinze anos de idade, em diversas escolas da Paraíba, mas não tinha formação específica. Ao ver a oportunidade, através de um site na internet, de cursar a licenciatura, fiz a inscrição, fui classificado e, graças a Deus, consegui concluir o curso, me tornando um professor licenciado. Eu queria muito ter o título de professor, sempre sonhei com isso, então segui em frente. As oportunidades a gente tem que agarrar forte. (Roberto, **Entrevista narrativa - WhatsApp**, 2020).

Como podemos perceber, as narrativas do eixo vida-formação revelaram que a escolha pela licenciatura, feita por todos os protagonistas, foi pela busca da autonomia formativa, por ser um curso na modalidade a distância, além do intuito de agregar mais conhecimentos na área da informática, tornando-se professores, haja vista que, todos possuíam alguma familiaridade com a informática. Os licenciados André e Roberto, por exemplo, já

trabalharam nesta área por um tempo: o primeiro é comerciante de produtos de informática e o segundo atuou como instrutor de informática, desde os quinze anos de idade. O graduado Gilberto afirmou que tem cursos na área de tecnologia, porém, nunca trabalhou no ramo. Já o Rafael é o único que está desempregado, tem experiência na área de desenvolvedor *FullStack*.

No que diz respeito ao eixo **trajetória acadêmica**, os pontos mais enfatizados pelos licenciados foram concernentes às facilidades e dificuldades ao longo do curso. O graduado Gilberto narrou que a atenção e a relação de amizade com os professores da licenciatura eram constantes, e destacou que apesar da demora do *feedback* no AVA, por parte dos tutores e professores, era possível tratar as dificuldades como um desafio para tentar se dedicar ainda mais nos estudos. Sobre as facilidades, contou que havia poucas, mas preferiu não pontuar quais seriam elas. O licenciado ainda fez uma sugestão pedagógica para curso: a disponibilização das aulas através de *lives*, colocando em evidência o seguinte:

A minha maior dificuldade enfrentada no curso foram no tocante a tutores e professores que demoravam a responder as minhas dúvidas. Mesmo assim, eu tratava isso como um estímulo para se esforçar ainda mais nos meus estudos. As facilidades eram raras em algumas disciplinas. Apesar disso, minha relação com professores e tutores era amigável, mesmo estes demorando a dar os *feedbacks* aos meus questionamentos. Posso lhe afirmar que o curso poderia melhorar se as aulas fossem disponibilizadas no formato de *lives*. (Gilberto, **Entrevista narrativa** - *WhatsApp*, 2020).

Para o licenciado Roberto, as dificuldades consistiam no fato de que as aulas eram mais teóricas que práticas, e que os professores deveriam gravá-las, além de utilizar as tecnologias a favor da educação. Ele contou que o curso por ser a distância é maravilhoso, pois é possível trabalhar e curtir a vida. Destacou, ainda, que, no início da licenciatura, foi difícil, devido a turma ser a pioneira, e isso acabou ampliando certas complicações, mas que através do conhecimento e esforço do alunado, tudo foi sendo superado, narrando que:

Foi um percurso muito difícil porque a nossa turma foi a pioneira, em que tudo ainda estava se organizando. Então, houve muitas dificuldades, tanto de comunicação quanto de conteúdo para aprendizado. Houve um grande número de desistentes do curso devido a essa problemática inicial. As

aulas devem melhorar, ser mais multimídia, sair do mundo da pesquisa e ir mais para prática, porque informática é isso. Então, é preciso que os professores sejam mais habilitados nas questões de multimídia, que consigam gravar videoaulas e que possam transmitir o conteúdo de forma prática, mesmo que sendo a distância. O fato de ser a distância é excepcional porque você pode ter/viver a sua trajetória de vida, e nos horários vagos poder estudar. (Roberto, **Entrevista narrativa** - *WhatsApp*, 2020).

O licenciado André narrou que o curso serviu como um alicerce para a sua formação, pois já lecionou pelo Pronatec (IFPB, campus Picuí), em 2016. Em sua interpretação, o país tomou outro rumo político, por isso ele teve que deixar de trabalhar em tal programa, destacando que gostou de atuar em sala de aula, capacitando jovens e adultos. Ressaltou, ainda, que considera que a entrada no curso foi sem muito conhecimento prévio, e considera que saiu com pouco conhecimento específico. Também relatou que o curso passou por algumas complicações, como abandono de professores e tutores, greves, bolsas suspensas e contratações. Ele analisou como um curso complicado, mesmo assim, conseguiu concluir com êxito, apesar de entender que não teve um aproveitamento ideal. Em seus termos:

O curso serviu de base para mim, para o que eu estava fazendo no Pronatec. Como licenciando, eu acreditava que o Pronatec iria continuar e que precisaria de diplomação de licenciatura para continuar na área. Gostei de ensinar a jovens e adultos. Gostei de ensinar a essas pessoas que queriam se capacitar, e aí que achei que ia me encontrar nesta área, ficar mais forte pelo conhecimento que tenho, pelo tempo que tenho na área. No percurso, a minha relação com os professores e com os tutores foi a melhor possível, até porque já conheço o âmbito EaD. Agora, assim, o IFPB estava passando por umas mudanças, se adequando ao ensino EaD; a parte de informática estava passando por problemas, por falta de professores. Tivemos greve, tivemos professores que não podiam continuar mais com as disciplinas, ter que ser ministrada por outros professores, outros profissionais. Tivemos abandono de tutores; outros tutores tiveram que ser substituídos, mas isso não foi problema deles, foi problema, assim, do cotidiano, pois tiveram bolsas suspensas. (André, **Entrevista narrativa** - *WhatsApp*, 2020).

O licenciado Rafael contou que o ensino a distância foi um fator novo e que ele necessitou de uma adaptação. Destacou que a atenção por parte dos

professores, tutores e coordenação, no início, foi bastante intensa, mas que no decorrer do curso houve um desgaste, pois alguns coordenadores que passaram não atenderam às expectativas dos alunos. Entretanto, para ele, o resultado final foi positivo, mas considerou que os professores e os tutores precisavam de treinamentos, pois alguns não sabiam lidar com as demandas de ensinar a distância. Com isso, o licenciado tencionou que nos editais de seleção de professores, lançados pelo IFPB, parte das vagas fossem direcionadas, exclusivamente, para os recém-formados do próprio curso, visto que vivenciaram essa modalidade e demonstram-se aptos a manusearem a plataforma. Sobre essas questões, ele fez algumas inferências:

Falando das minhas dificuldades, antes eu tive mais para me adaptar a um curso a distância, já que era um curso que você tinha que ir cumprindo determinadas tarefas, em cima de prazos, e que você não necessariamente precisaria estar presente. E eu fazia um curso técnico naquele mesmo tempo. Quando iniciei o curso superior, foi algo novo para mim. De início, teve um suporte muito grande, tanto dos tutores quanto dos professores, e da coordenação. Depois que foi dando andamento no curso, partindo para 2015, 2016, tivemos muitas dificuldades, como a falta de tutores, já pegando 2017, 2018. Isso se intensificou mais: muitos coordenadores que passaram no curso deixaram a desejar em termos de gestão e obtivemos pouco suporte com relação a solucionar os problemas. O que precisa melhorar no curso é mais a presença dos professores e também um treinamento para eles saberem lidar com situações dentro do curso a distância, já que eu vejo que alguns dos professores, não todos, mas alguns possuem muitas dificuldades em poder ter uma relação a distância com os alunos, já que eles não tinham o hábito de ensinar a distância e sim presencial. Acredito, também, que precisam de mais tutores para dar suporte. É uma coisa que deveria inovar, não falo só no curso de licenciatura em Computação e Informática, mas para todos os outros cursos, é poder dar acesso oportunidade a professores externos, não só professores internos do campus, tipo um licenciado em licenciatura em Computação e Informática, um formado hoje, como eu e meus colegas, poder ter a oportunidade de trabalhar como professor no curso a distância, porque somos pessoas que passaram quatro anos, cinco anos, seis, estudando um curso a distância, sabendo de todos os seus pontos positivos e negativos. (Rafael, **Entrevista narrativa - WhatsApp**, 2020).

Como se pôde compreender através das narrativas, os licenciados concordam que apesar das dificuldades enfrentadas durante a formação, o resultado final foi positivo, inclusive por conta dos esforços dos alunos. Outros pontos evidenciados foram à relação ensino-aprendizagem e a necessidade de formação dos formadores, até para potencializar as questões didático-pedagógicas. Os graduados André e Rafael evidenciaram, inclusive, que identificaram problemas no quadro de professores e de tutores. O licenciado Roberto enfatizou o seu descontentamento com a metodologia adotada por alguns professores, afirmando que a maioria das aulas era apenas teórica. Já o licenciado Gilberto destacou certa morosidade por parte dos tutores e dos professores no que se refere ao *feedback* aos alunos.

No que diz respeito ao eixo **formação-profissão**, André sinalizou que possuía conhecimento em informática, fator que contribuiu para a sua permanência no curso, mas ressaltou a falta de políticas públicas para garantir a permanência dos alunos no curso. Ele destacou que não participou de editais de bolsas, pois não tinha condições contextuais – por ser trabalhador autônomo –, e que também não existiam muitas oportunidades ofertadas pelo IFPB. Em todo caso, considerou a experiência positiva, narrando da seguinte maneira:

Eu considero que, para mim, ainda valeu a pena fazer esse curso, porque eu já tinha um pouco de conhecimento e consegui absorver umas coisas a mais. O número de desistência foi gritante. Foram três turmas de cinquenta, poucos concluíram. Penso que tudo isso tem a ver com algumas falhas entre a UAB e o IFPB e as comunicações através de políticas públicas. Então, para mim, considero que valeu a pena os meus esforços, os deslocamentos ao polo, que foi tudo por minha conta, já que não participei de nenhuma seleção para ser bolsista, não porque eu não queria, mas porque realmente eu não podia, não era a 'minha praia'. Eu não tinha condições porque trabalhava como autônomo. Mas, foi sim uma experiência interessante. (André, **Entrevista narrativa** - *WhatsApp*, 2020).

O licenciado Gilberto relatou que teve muitas dificuldades em seu estágio docência, partindo do desinteresse das autoridades locais. Destacou que ele próprio teve que reorganizar o laboratório de informática de uma escola, para o seu estágio. Pontuou que até hoje percebe o mercado dos licenciados de informática como muito escasso, assim narrando:

Infelizmente, eu não trabalho na área. Estagiei numa escola pública aqui na cidade de Bananeiras e observei o desinteresse tanto da gestão municipal como do diretor escolar. Para eu estagiar, tive que montar o laboratório de informática, que já existia, só que não tinha computadores, eu tive que montar. Aliás, tive que fazer uma manutenção em alguns computadores que estavam descartados. Ainda consertei dez, para montar o meu estágio, afinal, tinha que ter o laboratório. Resumindo: consegui montar, mas vi a falta de interesse da gestão, do secretário de educação. O diretor queria, mas sem aquele interesse. Então, infelizmente, não trabalho na área, porém eu vejo assim, escasso para quem terminou esse curso. Não sei futuramente, mas espero que cresça mais, pois o mercado ainda é muito escasso para o nosso curso. (Gilberto, **Entrevista narrativa - WhatsApp**, 2020).

O graduado Rafael contou que tem vida economicamente ativa na área de informática, que trabalha como desenvolvedor *FullStack*, caminho que recomenda a ser seguido, e, também, na manutenção de computadores. Ele enxerga o mercado limitado para o licenciado, pois há dificuldades para lecionar, por isso que muitos têm que optar pelo desenvolvimento de *Software*. Em referência ao mercado de trabalho, fez a seguinte inferência:

Eu trabalho há um bom tempo, atuo como técnico e suporte na manutenção de computadores. Atualmente, já sou desenvolvedor FullStack. Infelizmente, O título de licenciatura em Computação e Informática ainda não é valorizado e o mercado é defasado, porque não possui acesso para este profissional: não é valorizado pelas prefeituras, pelo estado e, também, pela federação. E há pessoas que precisam atuar no mercado como professor de Computação ou Informática! Muitos deles têm que optar pela área de desenvolvimento no mercado privado, e até para ensinar no mercado privado é uma grande dificuldade para empresas absorverem esses licenciados. O que resta nesta caminhada é atuar como desenvolvedor de Software. (Rafael, **Entrevista narrativa - WhatsApp**, 2020).

O licenciado Roberto contou que, atualmente, trabalha como técnico administrativo em uma escola estadual, mas o que ele almeja é atuar como professor. O graduado enfatizou que existem poucas oportunidades para professores de informática na educação pública, referindo-se ao mercado de trabalho do docente de informática da seguinte forma:

Eu pretendo trabalhar como professor! No momento, trabalho num laboratório de informática, sou técnico administrativo num laboratório de informática, numa escola estadual. O mercado para o professor licenciado em Computação e Informática ainda está muito além daquilo que eu almejo. As escolas públicas deveriam abrir vagas para este profissional, para que a informática pudesse chegar aos anos iniciais já da educação básica. Então, é isso que almejo: poder, quem sabe, um dia prestar concurso para trabalhar em uma escola, ser professor de Computação e Informática. (Roberto, **Entrevista narrativa** - *WhatsApp*, 2020).

Como podemos perceber, os licenciados Roberto, Rafael e Gilberto consideraram o mercado de trabalho para o licenciado em Computação e Informática muito escasso, e que não existe um interesse dos setores públicos em disponibilizar oportunidades para tais profissionais. Já o graduado André sinalizou que esta questão do mercado de trabalho deve ser observada deste o processo formativo na instituição, tendo em vista a possibilidade de atuar como estagiário numa escola e se firmar, posteriormente, em algum setor que considere a formação de tal profissional. É pertinente salientar que nenhum dos protagonistas está atuando em sala de aula, apenas o Roberto que trabalha em um ambiente escolar, porém, na parte administrativa. Já o Rafael e o André trabalham realizando manutenção de computadores. À medida que Gilberto ressaltou que o mercado ainda é muito escasso para profissionais recém-formados, pontuou que está buscando uma oportunidade de trabalhar na sua área de formação.

É possível interpretar-compreender que das narrativas dos protagonistas deste estudo emergem as seguintes considerações em relação à formação docente em licenciatura em Computação e Informática do IFPB – EaD: o curso configura-se como um potencial espaço formativo em EaD, tendo em vista a autonomia no processo de gerenciamento dos próprios estudos; a educação a distância é uma potencial alternativa para aqueles que sonham em ingressar no ensino superior; a escolha pela docência é por interesse pessoal-profissional; a relação professor-aluno precisa ser problematizada durante o curso, inclusive no que se refere aos *feedbacks*; é necessária formação para os formadores, até para dinamizar o ensino, a partir de outras alternativas didático-pedagógicas; o protagonismo dos estudantes é algo bastante fecundo neste tipo de ensino; o número de tutores deveria aumentar, até para atender às demandas dos estudantes; é necessária formação mais prática; o mercado de trabalho ainda é escasso para

este profissional; e o curso ainda tem lacunas na consolidação do repertório cultural formativo, mas, mesmo assim, representa um significativo caminho de profissionalização para aqueles que desejam se qualificar e ingressar no mercado de trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa jornada formativa durante o projeto foi de grande importância para compreender a dinâmica do curso de Computação e Informática do IFPB, campus Cajazeiras, à luz da interpretação dos primeiros licenciados. Em todo caso, é pertinente salientar que durante o nosso projeto de pesquisa tivemos algumas dificuldades para dar continuidade à pesquisa, como: apenas poder contar com a comunicação digital, tendo em vista que os licenciados residem em cidades geograficamente distantes, o que impossibilitou a realização das entrevistas narrativas de modo presencial; e a pandemia causada pelo coronavírus impossibilitou qualquer contato direto com os graduados, por conta do distanciamento social, sem contar que muitos deles ficaram desestimulados para colaborar com a pesquisa, pois eles tinham outro foco: sobreviver à pandemia – uma realidade que todos nós estamos passando.

Consideramos que a opção pela ferramenta *WhatsApp*, para fins de coleta de dado, foi eficaz para atender a necessidade do que pretendíamos investigar. Em todo caso, registramos o nosso entendimento de que se a entrevista narrativa tivesse sido realizada de modo presencial, poderíamos captar mais detalhes dos nossos entrevistados, como os dizeres do silêncio, dos gestos, dos sorrisos e das pausas. Todavia, tivemos bastante cautela em seguir as proposições da técnica da entrevista narrativa, com algumas adaptações, como a utilização de uma plataforma digital, mas nada que pudesse prejudicar os resultados do projeto como um todo. Ressaltamos, portanto, que a obtenção das narrativas pelos colaboradores levou um tempo mais prolongado, pois eles nos comunicavam à medida que havia tempo disponível.

Outro fator que nos trouxe algumas dificuldades foi a elaboração de um documento em conjunto, para os membros do projeto, com a disponibilização de um arquivo que pudesse ser compartilhado por todos, de forma que pudéssemos escrever o texto e editar o arquivo ao mesmo tempo, sem a necessidade de ter, obrigatoriamente, um software de edição de textos instalado nos nossos computadores, e de forma que pudéssemos acompanhar o histórico de alterações deste documento. Por isso, recorremos à utilização de uma sala no *Google Classroom* para registrar no mural de atividades as

atualizações, bem como os lembretes e, posteriormente, aportar no *Google Docs* para a disponibilização do arquivo compartilhado.

De um modo geral, os resultados obtidos pelo projeto evidenciaram que é potencialmente relevante oportunizar o processo de conhecimento sobre o tipo de formação acadêmica que se está concebendo, à luz das narrativas de formação dos estudantes e dos recém-formados de um curso de licenciatura no âmbito da EaD. Para nós, foi uma possibilidade de conhecer traços de vida de licenciados, acenando para a formação da docência, da informática e das perspectivas de trabalho, pois a licenciatura em Computação e Informática é uma formação em nível superior que requer sólidos sobre os fundamentos da Informática, sobre seu desenvolvimento histórico e suas relações com diversas áreas, assim como sobre estratégias para a mobilização do conhecimento educacional na cultura digital. O trato dessas questões com a docência é fundamental para o bom desempenho do profissional da educação.

## REFERÊNCIAS

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. 2. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2001.

CASTELLS, Manuel. **Sociedade em Rede**. vol. 1, 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

CHARLOT, Bernard. Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje. Porto Alegre, RS: Artmed, 2005.

CHENÉ, Adèle. A narrativa de formação e a formação de formadores. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias. **O método (auto)biográfico**. 2 ed. Natal: EDUFRRN, 2014, p. 121-132.

FERREIRA, Jessica Kelly Sousa. Docência online e docência offline? Narrativa de um professor da Educação Básica. In: **Anais do 10º Encontro Redestrado Brasil – Autonomia do trabalho docente: caminhos para a sua organização político-pedagógica**. 19 a 21 de setembro de 2019.

JOSSO, Marie-Chistine. Da formação do sujeito... Ao sujeito da formação. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias. **O método (auto)biográfico**. 2 ed. Natal: EDUFRRN, 2014, p. 57-76.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um Manuel prático**. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 90-113.

LEVY, Pierre. **O que é o virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1998.

MEDEIROS, Simone Medeiros. A Docência (e a formação docente) na Educação a Distância (EaD): notas para reflexão. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 1, n. 2, p. 231-354, jul./dez. 2010.

NÓVOA, António. **Professores: Imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

PENTEADO, Heloísa Dupas. **Pedagogia da Comunicação: teorias e práticas**. São Paulo: Cortez, 2001.

PINEAU, Gaston. A autoformação no decurso da vida: entre o hetero e a ecoformação. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias. **O método (auto)biográfico**. 2 ed. Natal: EDUFRRN, 2014, p. 91-109.

PISCHETOLA, M. **Inclusão digital e educação: a nova cultura da sala de aula**. Petrópolis: Vozes, Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.